

## Ficha artística

Texto

**Luigi Lunari**

Tradutor

**Paulo Eduardo Carvalho**

Encenação

**João Cardoso**

Elenco

**António Capelo,**

**João Cardoso**

**João Paulo Costa**

**Rosa Quiroga**

Assistência de Encenação

**Beatriz Frutuoso**

Cenografia

**Sissa Afonso**

Figurinos

**Manuela Ferreira**

Desenho de Luz

**Nuno Meira**

Assistência Desenho de Luz

**Rui Monteiro**

Sonoplastia

**Francisco Leal**

Produção

**Glória Cheio**

**Pedro Aparício**

Design Gráfico

**Bernardo Providência**

Fotografia de Cena

**PVC**

Divulgação

**Daniela Ferreira**

**Eva Ângelo**

**Gabriela Poças**

Direção Técnica

**Pedro Vieira de Carvalho**

Direção de Cena

**Natércio Silva**

Operação de Luz

**Cárin Geada**

Operação de Som

**Fábio Ferreira**

Montagem

**Cárin Geada**

**Fábio Ferreira**

**João Martins**

Construção e Montagem do Cenário

**Stay on the Scene**

Execução e Manutenção dos Figurinos

**Maria da Glória Costa**

Cabelos

**UpGrade Productions**

Apoio Adereços

**Lola Sousa**

**Agradecimentos:**

Eduardo Florentino Mesquita Carvalho

Marília Celeste Almeida Coelho Carvalho

Família Meireles - Lousada

Joaquim de Oliveira & Aires, Lda - Lousada

António Capelo vestido pela Vicri

Classificação Etária M/12

Duração do espetáculo 1.45h

Próximos produções:

**Espectáculos no AXA, coprodução Porto Lazer**

Julho

**Maison Marlène – Cabaret.**

Direção António Júlio

Setembro

**A Revolução Dos Que Não Sabem Dizer Nós**

Direção João Paulo Costa

**Opostos Bem Dispostos**

de Joana Providência

Coprodução ACE Teatro do Bolhão

Serviço Educativo da Casa da Música

Egeac Teatro Maria Matos

Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor

27 e 28 Outubro 2013 - Casa da Música

Outubro

**Fachada Para Obras**

Espectáculo de Rua

## ACE/ Teatro do Bolhão Historial e Projecto

Em 2003, sob a direção artística de António Capelo, João Paulo Costa, Joana Providência e Pedro Aparício, um grupo de 11 profissionais com percursos relevantes nas várias áreas da produção teatral, e com uma cumplicidade artística e ética forjada ao longo de 13 anos de dinamização da ACE/Escola de Artes do Espetáculo, fundou a ACE/Teatro do Bolhão, estrutura de produção.

Promovendo um modelo de produção eclético, a companhia configura-se como um espaço de criação teatral diferenciado, artística, material e tecnicamente consolidado, capaz de responder à multiplicidade de possibilidades de criação e com ressonância pública concreta.

O projecto programático da companhia tem consignado, sob a Direção do encenador japonês Kuniaki Ida, a divulgação de textos e autores fundamentais da dramaturgia universal (*A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, de Bertolt Brecht, co-produção TNSJ, 2003; *D. Juan*, de Molière, co-produção Teatro Nacional D. Maria II, 2005; *Otelo*, de Shakespeare, 2009, *Desejo Sob os Ulmeiros*, de Eugene O'Neill, (coprodução com o Ao Cabo Teatro e TNSJ) 2011, e *Édipo*, de Sófocles 2012) em criações com características e ambições artísticas inéditas num contexto de produção precário, pautado, de forma clara no Porto, pelos baixos apoios públicos. Salienta-se, ainda, a atenção particular da companhia à criação multidisciplinar, paten-te nos trabalhos da sua co-directora artística Joana Providência, visando a articulação das linguagens da dança e do teatro (*Pioravante Marche*, de Samuel Beckett, co-produção TNSJ, 2003;

*Mão na Boca*, a partir de Paula Rego, co-produção Fundação de Serralves, 2004; *Ladrões de Almas*, a partir de Herberto Helder, co-produção Culturgest, 2008) e *Terra Quente Terra Fria* (2011) espetáculo coreográfico a partir da obra de Graça Morais (co-produção Teatro Municipal de Bragança). Finalmente, a programação do Teatro do Bolhão tem prefigurado a produção de um ciclo de espetáculos com base em textos de forte pendor realista. Não se trata, naturalmente, de uma tipologia de criação cénica datada, mas de uma família de textos dramáticos que, tal como os seus antepassados mais remotos (Strindberg ou Ibsen), está marcada pela pertinência temática, pela grande exigência emocional a que obriga os seus intér-pretas e pela forte relação de intimidade e empatia que propõem ao público (*Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, de Edward Albee, 2004; *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams, 2007 e *A Ronda Nocturna*, de Lars Norén, co-produção Teatro Maria Matos, 2008).



ACE **TEATRO DO BOLHÃO**

assédio  
Associação de Ideias Obscuras



ENCENAÇÃO **JOÃO CARDOSO**  
**12-05 A 16.06 de 2013**  
**QUA. A SÁB. 21.30H**  
**DOM. 16.00H**

M/12

ACE/Teatro do Bolhão  
Praça Coronel Pacheco Nº1,  
4050-453 Porto  
Tel +351 222 089 007  
teatrodobolhao@ace-tb.com  
www.ace-tb.com

apoios institucionais



dgARTES



VICRI NAN  
PORTO AUDIOVISUAL



## Sobre o autor

Luigi Lunari em 1900

Luigi Lunari nasceu em Milão. Licenciado em Direito, estuda composição e direção de orquestra em Siena. Ligou-se ao teatro de várias formas: como professor, como crítico, e sobretudo como teórico, escrevendo ensaios de referência dedicados a Goldoni, Molière, Brecht e sobretudo ao Teatro inglês que abarca o período entre os séculos XVIII e XIX.

Autor de um notável ecletismo, entre romances, ensaios e dramaturgias para palco e televisão, escreve uma série de comédias de sátira política, quase todas inspiradas pela realidade sócio-política italiana.

Autor de um notável ecletismo, entre romances, ensaios e dramaturgias para palco e televisão, escreve uma série de comédias de sátira política, quase todas inspiradas pela realidade sócio-política italiana. *Três num Baloíço* é o exemplo mais famoso, que se impôs como um sucesso internacional.

## Sinopse

Três homens reúnem-se, por acaso, numa sala, num dia em que soa o recolher obrigatório para um exercício de segurança civil. Confinados a esse espaço indeterminado

(que tanto pode ser um escritório, uma pensão, uma editora ou nenhuma das possibilidades) um comendador, um militar e um professor debatem-se com a impossibilidade de sair. Assombrados por uma nova personagem, que só vem adensar o mistério de um lugar sem saída e de um tempo em suspenso, estes três homens fazem um ajuste de contas com o passado, enquanto procuram conferir sentido a uma situação absurda.

Três Personagens num baloiço ou na corda bamba?

## Dá licença? Posso?!

Para que uma comédia divirta o público é preciso que primeiro me divirta a mim.

Carlo Goldoni

Quando sugeri este texto ao Teatro do Bolhão para fazermos uma coprodução, foi pensando na composição deste elenco, nós quatro, a quem alguém chamou velhas carcaças do teatro do Porto, pensando na nossa história que num tempo foi comum, e o que daqui podíamos trazer precisamente a este espetáculo.

O texto propõe-nos uma conversa durante uma noite à volta da vida, da morte, do destino, da existência de Deus, do livre arbítrio. Quem melhor do que quatro atores em plena maturidade para desenvolver estas personagens e rir-se com elas no baloiço da vida.

Perante determinados factos ou coincidências, quantos de nós não começamos a construir uma realidade que vamos sustentando, mas que, observada do exterior, não mostra mais do que as certezas, angústias e medos que possuímos?

Perante determinados factos ou coincidências, quantos de nós não começamos a construir uma realidade que vamos sustentando, mas que, observada do exterior, não mostra mais do que as certezas, angústias e medos que possuímos?

Neste texto, o absurdo vai emergindo, e as personagens encontram-se perante elas próprias, em confronto com as suas próprias crenças e valores, como que apanhados por alguém numa ratoeira. Com diálogos cruzados, argumentos esgrimidos com angústia, racionalidade, sarcasmo ou provocação, vão desfiando a perturbadora comédia da nossa existência.

A reflexão que podemos fazer acerca da nossa história como atores, e o modo como a pomos ao serviço neste processo faz parte da natureza do desafio a que o próprio texto nos incita. O entendimento com que abordamos este trabalho e ancoramos o espetáculo é essencial para que a criação progrida na direção certa. Acho que por parte da equipa criativa, a diversidade de experiências, a partilha das ideias, a aceitação do nosso percurso individual, farão com que o resultado final seja, não só um momento de diversão, mas também de pensamento conjunto.

Não posso deixar de lembrar Paulo Eduardo Carvalho, querido companheiro que me deu a ler e traduziu este texto:

(...) esperamos que “Três num baloiço” nos proporcione (e aos nossos espectadores) um momento de mais lúdica e descomprometida, mas não menos inteligente, exaltação de cumplicidades.

João Cardoso

## Acerca de Três num Baloíço

Comendador – E quando ela disse que trabalha seis dias e repousa ao sétimo?

*Professor* – *Trata-se como é óbvio de uma antiga conquista sindical*

*Comendador* – *E que se ela pára, pára tudo?*

*Professor* – *Mas quantos de nós não se consideram indispensáveis?*

*Comendador* – *Vocês são malucos. E o filho único?*

*Professor* – *E quantas pessoas têm só um filho? Eu também sou filho único*

*Capitão* – *Eu tenho uma irmã mas quase nunca nos vemos*

*Comendador* – *Porque não lhe pergunta que profissão tem o filho?*

*Professor* – *Quer que lhe pergunte que profissão tem o filho?*

*Comendador* – *Sim (com tom de desafio)*

*Professor* – *Até posso fazer mais, meu caro senhor. (Para a mulher)*

*Desculpe: o seu filho não é por acaso carpinteiro?*

Uma empregada de limpeza, que pode ser Deus, um comendador nervoso, um professor

filósofo e um capitão que nunca tem dúvidas

e raramente se engana, ficam fechados durante uma noite num estranho local.

Enredadas num jogo grotesco e hilariante, as personagens evocam Schopenhauer,

Descartes e ainda Voltaire ou a Bíblia, para esconjurar os medos e angústias de que

são tomadas naquela situação bizarra e, aparentemente, sem saída.

Coproduzido pela ACE Teatro do Bolhão e ASSéDio | Associação de Ideias Obscuras,

o espectáculo marca ainda o reencontro de quatro profissionais, com afinidades

geracionais, que protagonizaram a cena portuense nos anos 80, enquanto directores

das companhias TEAR e Comediantes.

Teatro do Bolhão

Para o La Stampa, Três Num Baloíço é um texto

“sustentado por paradoxos, equívocos, sarcasmos cáusticos, que explora muito bem

a técnica dos contratempos do vaudeville, com incursões no teatro do absurdo numa

estupefacção metafísica que oscila entre Kafka e Ionesco. O tom geral é, no entanto, o

de um divertimento desabrido”.